



Um bossa nova (Menescal) e cinco microfones (Carnegie Hall)

Carnegie Hall não foi definitivo

O fracasso do Carnegie Hall não foi mesmo, afinal, definitivo. O sucesso irrefutável do dia cinco de dezembro no Lisner Auditorium vem claro e incisivo na nota da UPI:

"O grupo de músicos e cantores populares brasileiros integrantes do movimento bossa-nova deixou hoje esta cidade (Washington), depois de oferecer um recital ontem (a nota é do dia seis) à noite em um teatro universitário. O espetáculo que foi assistido aproximadamente por duas mil pessoas, entre elas numerosos representantes diplomáticos e altos funcionários do Governo norte-americano, foi qualificado pelo WASHINGTON POST como UM CONCERTO ENCANTADOR.

Pelo menos uma centena de pessoas ficou nas portas do teatro sem poder entrar porque a lotação já estava esgotada há dois dias. Entre os espectadores estava o embaixador soviético Anatoly Dobrynin e o sr. Edwin M. Martins, Secretário-Adjunto de Estado para assuntos interamericanos."

VOZ DA AMÉRICA TRANSMITIU

O concerto de bossa-nova, diz a nota da UPI, foi transmitido pela VOZ DA AMÉRICA para o Brasil em ondas curtas, num programa especial de duas horas de duração. Atuaram João Gilberto, Agostinho dos Santos, Luiz Bonfá, Carlinhos Lyra, Antônio Carlos Jobim, Roberto Menescal, Sérgio Ricardo, o sexteto de Sérgio Mendes e o quarteto de Oscar Castro Neves, que já haviam participado do Festival de bossa-nova no Carnegie Hall, de Nova York.

Participaram também do espetáculo o violonista Charlie Byrd e o comentarista radiofônico Feliz Grant, que contribuiu para introduzir e popularizar, neste país, a bossa-nova, o novo ritmo brasileiro.

E AGORA, JOSÉ?

O bom resultado de Washington vem calar (de uma vez) certa imprensa (brasileira) que procurava fazer do desorganizado primeiro concerto do Carnegie Hall o cúmulo eterno da bossa-nova no exterior.

A verdade veio se mostrar bem diferente quando os aplausos (que a VOZ DA AMÉRICA transmitiu para provar) interromperam os números dos artistas brasileiros na noite do dia cinco.

Os discos, enfim, continuam a ser editados em todos os suplementos das marcas norte-americanas e o fanático público da TV (como pode ser fanático o público da TV nos Estados Unidos) recebeu de modo bem diverso, até mesmo o espetáculo do Carnegie Hall (os depoimentos dizem que para a TV

e o rádio mesmo o primeiro concerto funcionou bem).

No fim, nem mesmo se pode alegar que a interpretação norte-americana é a que fica, dados os contratos de Antônio Carlos Jobim, João Gilberto ou Luiz Bonfá, por exemplo, para gravar nos Estados Unidos os discos mais autênticos da moderna música popular brasileira.

Quem nos informa, ainda de modo mais positivo, sobre os discos de brasileiros nos Estados Unidos é o cronista Sylvio Tullio Cardoso (ele nos diz que João Gilberto vai gravar um Lp com Stan Getz para a VERVE). Aliás, é o próprio cronista quem traz dos Estados Unidos o melhor documento da penetração da bossa-nova (uma discoteca da bossa made in USA).

Tudo isso, afinal, concorre para desmentir os comentários e as reportagens apressadas e maldosas que quase deixam a bossa nova sem passagens para voltar.

DIVISAS

A exportação de discos nacionais de bossa-nova para os países da Europa ou mesmo para os Estados Unidos tem alcançado, cada vez mais, um índice melhor.

Bom exemplo é o do Trio Tamba (que fez recente excursão aos Estados Unidos e com grande sucesso) que tem Lp novo (PHILIPS) lançado simultaneamente aqui e lá (Estados Unidos) além de Europa (Holanda).

O disco traz quatorze faixas de sambas modernos numa seleção musical de respeito interpretada (inclusive com vocalização em inglês) pelo pianista Luizinho Eça, pelo baterista Hélcio e pelo baixista e também saxofonista Bebeto. As intervenções das vozes e até mesmo ainda da flauta (o mesmo Bebeto) nos excelentes arranjos de Luizinho Eça e o disco leva uma grande chance de sucesso tanto aqui como lá fora (e é uma pena que não tenhamos também o Trio Tamba nos concertos da bossa-nova nos Estados Unidos).

A par do lançamento atual deste Trio Tamba no exterior, na Europa (principalmente) vão ser editados vários Lps de bossa-nova já bastante conhecidos entre nós; é o caso dos discos de Carlinhos Lyra ou do BOSSA-NOVA-MESMO (vários intérpretes).

NO BLUE ANGEL

Ganhando (em cruzeiros) trezentos mil por noite, o baiano bossa-nova João Gilberto vai cantar os seus sucessos para os frequentadores da boate BLUE ANGEL.

Vai ser uma excelente oportunidade para Joãozinho reafirmar toda a sua extraordinária musicalidade num ambiente íntimo e propício à bossa-nova e mais, ele poderá confirmar a impressão definitiva que têm muitos

dos maiores músicos norte-americanos sobre a sua CLASSE:

Quem diz que João Gilberto é um gênio é o baixista Chuck Israels do conjunto de jazz de Bill Evans. Ele acha que João tem um instinto impecável do equilíbrio, da medida, da acentuação. Tudo nele está no ponto exato, diz Chuck, não falta nem sobra uma nota.

Mais ou menos isso já comentava há muito tempo o jornalista e letrista bossa-nova Ronaldo Bôscoli sobre a fabulosa percepção musical do cantor:

— Joãozinho tem a capacidade de colocar numa frase musical um máximo ou um mínimo de palavras, sem alterá-la.

João Gilberto vai confirmar, afinal, todas estas opiniões nas noites do BLUE ANGEL e para isso vai usar apenas o seu violão e a sua voz.

CHEGOU MENESCAL

O primeiro bossa-nova a voltar é o compositor e violonista Roberto Menescal que veio feliz com os bons resultados da temporada (recebeu muitos convites para TV, discos ou excursões COAST-TO-COAST que foram barrados pela UNION, a ordem dos músicos norte-americanos: Menescal diz que não faz mal, pois o grande número de gravações americanas do BARQUINHO dirão presente por ele).

— Pichar é muito fácil, deviam ter elogiado o lado bom (musical). A sua impressão se completa na frase seguinte: a música está mtata. A referência é para a repercussão do concerto do Carnegie Hall em certa imprensa brasileira.

— A desorganização não foi nossa.

DOIS FUIROS

(1) D. Dora Vasconcelos vai escrever dos Estados Unidos uma carta à uma prestigiosa revista nacional indagando o motivo de uma reportagem unilateral sobre o Concerto do Carnegie Hall (vai anexar recortes da imprensa norte-americana que informam bem diferente).

(2) Exibições na França e na Itália são as próximas metas da bossa-nova (vai ser em fevereiro). A notícia vem do Itamarati que é quem vai (mais uma vez) ajudar a música popular brasileira promovendo na Europa o nosso samba moderno.

FIM

O final feliz da excursão da bossa-nova aos Estados Unidos poderá representar a vitória (mesmo) da nossa música popular.

O principal, no fim, é que ela nos traga a alegria do sucesso e que essa alegria venha muitas vezes significar o valor dos rapazes da bossa-nova.